

CULTURA, CRISTIANISMO E MODERNIDADE NO ROMANCE *MUEDA: NOS LABIRINTOS DOS RITOS DE INICIAÇÃO* DE CARLOS PARADONA RUFINO ROQUE

Pessoa Vitangui Chissingui Nachivango
Ana Mafalda Leite

Resumo: O tema “Cultura, Cristianismo e modernidade no romance *‘Mueda: nos labirintos dos ritos de iniciação’* de Carlos Paradona Rufino Roque” foca-se nos ritos de iniciação da cultura moçambicana no encontro com o cristianismo e a modernidade. Palco do romance, Mueda é uma vila moçambicana na província de Cabo Delgado e capital cultural do povo Makonde. O objectivo do artigo é comparar os elementos constitutivos dos ritos de iniciação em Mueda com os do mito clássico. Temperando história e ficção, o romance revela-nos os mistérios da liturgia iniciática e o ambiente sincrético dos habitantes de Mueda, alvo da crítica do autor. A procura pela jovem mais linda através dos ritos de iniciação atrai os jovens para Mueda. O objectivo dos rituais de iniciação é habilitar-se para conquistar a mulher mais bela, o que inscreve o romance no mesmo nível dos mitos clássicos como o de Páris e Helena ou Hipómenes e Atalanta.

Palavras-Chave: Rito de Iniciação. Cultura. Cristianismo. Modernidade. Mito Clássico.

Abstract: The theme “Culture, Christianity and Modernity in the novel *‘Mueda: nos labirintos dos ritos de iniciação’* by Carlos Paradona Rufino Roque” focuses on the initiation rites of Mozambican culture in the encounter with Christianity and Modernity. Stage of the novel, Mueda is a village in the Cabo Delgado province and the cultural capital of the Makonde people. The aim of the work is to compare the constitutive elements of the initiation rites with the classic myth. Tempering history and fiction, the novel reveals the mysteries of the initiatory liturgy and the syncretic environment of the inhabitants of Mueda, the target of the author’s criticism. The search for the most beautiful young woman through the initiation rites, attracts young people to Mueda. The aim is to conquer the most beautiful woman, which inscribes the novel on the same level as the classical myths such as Paris and Helen or Hippomenes and Atalanta.

Keywords: Initiation Rite. Culture. Christianity. Modernity. The Classical Myth.

Introdução

Carlos Paradona Rufino Roque, nasceu em Inhaminga em 1963. Tem as seguintes obras: *Gestação do Luar* (Poesias), Ed. A., Maputo, 1991; *Tchanaze, a Donzela de Sena* (Romance), 2009, agora já na 3ª ed., Alcance Editores, Ed. Fonte da Palavra, Maputo, 2013; *N'tsai Tchassassa. A virgem de missangas*, 1ª ed., Maputo, 2013; *Carota N'tchakatcha. Feitiços e mitos*, CHIL Editora, 1ª ed., Maputo, 2018, já na 2ª ed., 2002; *Mueda: nos labirintos dos ritos de iniciação*, Alcance Editores, 1ª ed., Maputo, 2022, de que nos ocupamos neste trabalho. E recentemente, publicou, na Espanha, o *La virgen de los Abalorios*, ECU-Editorial Club Universitario, Alicante, 2022.

O tema Cultura, Cristianismo e Modernidade em *Mueda: nos labirintos dos ritos de iniciação*, parece sintetizar bem o romance *Mueda: Nos labirintos dos ritos de iniciação*, de Carlos Paradona Rufino Roque, um romancista moçambicano de vocação tardia, mas que faz profundas reflexões acerca do seu país, cultura e o contexto que lhe é dado viver e escrever. Ao mesmo tempo que revela os problemas desta região do país, *Mueda* permite-nos também uma leitura de temas muito variados que temperam realismo e ficção, tecidos sempre como peças

do mesmo puzzle. A brevidade da nossa pesquisa permite, entretanto, aflorar apenas alguns dos temas que a leitura do romance suscita, e que de alguma maneira permitem estabelecer uma leitura comparada entre as literaturas africanas de língua portuguesa e a literatura clássica; entre as literaturas do Oceano Índico e as do Mar Mediterrâneo; entre as civilizações do Mediterrâneo e as do Índico.

Em primeiro lugar, tentaremos abordar, dentro do ritual de iniciação masculina, o funcionamento da *likuta* e da *nkamango*, duas residências que do meio da floresta acolhem rapazes e raparigas, candidatos aos rituais de iniciação, enquanto lugares de comunicação com os bons espíritos, ou seja, o *genius loci* da Likuta e da Nkamango. Em segundo lugar, falaremos do fruto *lipudi*, pelo qual se atesta a virilidade dos candidatos aos ritos, a sua utilização naquele contexto e a ligação com a maçã, muito conhecida como “fruta da sedução” na literatura ocidental como também na literatura bíblica. Finalmente, falaremos da loucura da personagem Jakalea no confronto entre as estruturas de poder e a ancestralidade, um tema que, em nossa opinião, ocupa grande parte do romance de Roque, num esforço que é didático-parenético, mas também exortativo. A multiplicidade de seitas que gera impostores, aliada à

iliteracia num Moçambique, com ainda baixos níveis de escolarização, não passam despercebidos ao escritor Rufino Roque. Também aqui torna-se necessário estabelecer uma leitura comparada com os oráculos da Hélade, na tentativa de compreender o influxo do além sobre o terreno, do divino sobre o humano e do espiritual sobre o corpóreo na literatura africana de língua portuguesa e na literatura do Mediterrâneo Antigo, dita cultura clássica.

O nosso objetivo é procurar demonstrar como Roque e, através dele, alguma da literatura do Índico, pelo romance se aproximam de tópicos da literatura clássica. Os problemas concretos a abordar no romance permitem comparar as civilizações ocidentais do Mediterrâneo antigo com as do Índico? Ou seja, que tipo de relação é possível estabelecer entre a literatura africana e aquela clássica? As respostas a estas questões exigem um método que pretendemos ser analítico-crítico, mas também comparativo, método que não comprometa, nem a criatividade do autor nem a nossa liberdade interpretativa. Mas antes, achamos pertinente, para a compreensão do leitor que não tem acesso ao romance, apresentar um breve leque de conceitos usados por Roque ao longo do romance, dos quais faremos uso ao longo deste trabalho; um breve resumo do romance e,

finalmente, o contexto geográfico, histórico e cultural de Mueda e arredores que, de alguma maneira possa ajudará a compreender o romance.

Conceitos básicos

Por questões metodológicas, listamos abaixo os principais conceitos em língua Makonde que o autor usa durante todo o texto, de modo a tornar claro, não só o resumo do texto, mas também o trabalho de pesquisa autoral. Aqui se apresentam esses conceitos, à maneira de um glossário:

Chipito – exame final de iniciação

Kujela likumbi – primeiro dia do ritual de iniciação masculina

Kuvila in'goma – primeira etapa de iniciação feminina

Kwajaluka kwá valy – último dia festivo das meninas e meninos vindos dos rituais de iniciação.

Lambé – mestre auxiliar.

Likumbi – ritual de iniciação masculina.

Likuta – cabana edificada no meio da floresta para acolher os rapazes que vêm aos rituais de iniciação.

Lipiko – dançarino principal dos ritos de iniciação masculina.

Lipudi – fruto silvestre, de casca dura, amarela quando maduro, usado para o ritual de iniciação masculina com o fito de atestar a virilidade do candidato.

Mapiko – instrumento musical para a dança de iniciação masculina.

Mapio e *lingundunbwe* – instrumentos musicais que animam a malta durante o tempo da iniciação, mas também são estilo de dança feminina.

Midumu – ensinamentos adquiridos no *likumbi* a respeito da ética familiar, e outros valores como o respeito pela esposa, sogros e cunhados.

Mwene-lipanda – espécie de padrinhos dos iniciados à vida adulta, em casa dele começava todo o protocolo para os ritos e aí terminada.

Nalombwa – tutor e mestre de cerimónias iniciáticas masculinas.

Ngomma – ritual de iniciação feminina.

Nkamango – cabana no meio da mata que teria a função de acolher as meninas que vêm aos rituais de iniciação.

Nkamango – etapa final da iniciação feminina.

Breve resumo da obra

Mueda é a capital dos rituais de iniciação masculina e feminina. Para lá acorrem púberes e mancebos vindos de todas as aldeias, com histórias e modos de vida diversificados, mas acomodados pela busca de uma vida adulta credenciada

pelas instituições tradicionais: *Likumbi* e *Ngomma*. O enredo tem como personagens principais: o *lambé* Jakalea, instrutor dos ritos de iniciação masculina; a viúva de *Libudanga*, presidente dos rituais femininos, o jovem, Makaleta, filho do vizinho de Jakalea e causador do ódio e da loucura fingida de Jakalea; Sipeta, o filho doente de Jakalea; a curandeira Zufa, o “sábio” Kwangaika; um grupo de velhos: Nkunumbi, Chinavekwe, Npindula, Nhambwa, Kamalamie, conselheiros e coordenadores dos ritos, que funcionam como a voz crítica da sociedade Muedense, uma espécie de funcionalidade de um “coro”, similar ao das tragédias gregas.

O romance consta de oito capítulos, uma introdução e um epílogo. O primeiro capítulo descreve o ambiente de preparação de jovens de Mueda e arredores para as festividades do *kuajaluka kwá valy*, incluindo a deslocação do *lambé* Jakalea de Nairoto para Mueda onde teria a responsabilidade de presidir às cerimónias do ritual de iniciação. Em Mueda, homens e mulheres buscam a legitimidade para a vida adulta. A procissão que partirá para o meio da mata começará em casa do *Mwene-lipanda*, para os rapazes e em casa da viúva de Libudanga, para as meninas.

O segundo capítulo situa a cena em Nairoto, aldeia do *lambé* Jakalea e narra a forma de como os habitantes

tomam conhecimento da fama de Mueda e vão passando a informação a respeito dos rituais de Mueda, de modo a permitir que os seus filhos acorram a estas cerimónias para a legitimação da vida adulta. É aqui em Nairoto que começa aquilo que será a “espuma” do romance, o ódio de Jakalea por Makaleta. Na companhia dos amigos, Makaleta prepara-se para ir a Mueda e de lá trazer a esposa mais bela. Jakalea, que tem o filho Sipeta doente mental e, como tal impedido de participar dos ritos, nutre inveja por Makaleta, filho do vizinho. Tenta impedi-lo de ir a Mueda, mas em vão. Entretanto, promete à sua mulher que, como mestre de cerimónias de Mueda faria tudo para que Makaleta não regressasse a Nairoto.

No terceiro capítulo, a fama de Mueda chega à região de Nangade e arredores. Aqui os jovens se preparam para ir Mueda. Diferente de Nairoto, os jovens de Nangade confiam nos feitiços do profeta e no curandeiro Kutissa que mistura Bíblia e Alcorão nas suas atividades divinatórias. O quarto capítulo narra os acontecimentos de Mueda. Aí concentrados os jovens vindos de todas as periferias de Mueda começam com os rituais de introdução à vida adulta. No final dos ritos, Jakalea enlouquece e abandona os rapazes. O problema é que ninguém, a não ser ele, pode terminar as cerimónias e,

uma vez que ele está louco, o empenho da comunidade deve ser o de encontrar uma maneira de curar o mestre de modo que possa terminar a cerimónia, e as pessoas vindas de outras regiões possam regressar com objetivos cumpridos. Entra em cena a curandeira Zufa, a bruxa que pode curar Jakalea. Consultada sobre a situação, ela garante que pode curar o mestre.

O quinto capítulo continua a narrar a situação de Jakalea em casa de Zufa, a bruxa. Enquanto isso, em Mueda rapazes e raparigas vindos de diversas localidades esperam ansiosos pelo regresso dos iniciados e iniciadas que, terminadas as cerimónias, se encontram agora em casa de Nhambwa e da viúva de *Libudanga*, onde começara a procissão para o meio da floresta. Instala-se um clima de desafio suscitado pela confiança de conquistar a melhor rapariga. Até lá, haja paciência porque Jakalea não dá sinais de melhoria. A espera em casa de Nhambua parece sem fim e o *kwajaluka kwá valy*, uma miragem, pois Jakalea não dá sinais de melhoria. Em Muidume, Zufa açoita com severidade o *nalombua*, acreditando ser essa a cura, mas em vão. Jakalea foge da casa de Zufa e seguir-se-ão três dias para achá-lo e trazê-lo de volta.

O sexto capítulo narra a caça ao *lambé* Jakalea foragido de Muidume para Mueda e a sua captura no final do terceiro

dia. Mas quando o levam de volta a Muidume, acontece o inaudito. Um desconhecido, Sanduma, manda-os parar e mudar de planos. Revela que Jakalea não está louco e que não é Zufa que pode curá-lo, mas Kwangaika, o sábio da localidade de Namaua. Resistem, mas cedem. Procuram Kwangaika que confirma o facto de que Jakalea não está louco. E começa uma intensa atividade de cura versus tortura a Jakalea. O sétimo capítulo continua a narrar a sessão de cura em Mueda, mas a intensidade do castigo comove o conselho e a multidão que assiste. Jakalea quase morre. Ele não está são, mas louco. Instala-se um clima de desconfiança. Kwangaika matará Jakalea. Tentam pará-lo, mas em vão. Devem colocar-se em prática os conhecimentos ancestrais de que Kwangaika é possuidor. Apenas a sabedoria ancestral pode curar Jakalea. Cabe à comunidade sujeitar-se ou em definitivo jogar tudo a perder. Quanto mais o tempo passa mais se intensificam as sessões de cura. Apesar de tudo, Jakalea não reage. As pessoas temem que ele morra, mas não há outra saída senão obedecer à tradição.

O oitavo capítulo continua a narrar as sessões de cura, mas Jakalea continua a não reagir. Por fim, no limiar da morte Jakalea decide revelar-se são. Pede que lhe poupem a vida, pois, não está louco. Kwangaika não cede, ao invés,

intensifica ainda o castigo. Agora o povo acredita que Jakalea está saudável, pede que Kwangaika o liberte, mas este está decidido a continuar. Jakalea não sairá sem que diga porque abandonou os rapazes e porque se fingiu de louco. Será necessário esperar pelo epílogo para ouvir a justificação de Jakalea agora solto do castigo que o detinha no limiar da morte. “O Sipeta, o Sipeta. O Sipeta não goza de boa saúde mental” (ROQUE, 2022, p. 220-221). Impedido pela doença de participar dos ritos de iniciação aos quais presidiria Jakalea e por isso “... não podíamos permitir que o filho do vizinho, Makaleta, que também veio para aqui se tornar homem, regressasse com uma casta saída dos rituais de puberdade, capaz de transmitir plenitude e felicidade” (ROQUE, 2022, p. 222). O enredo termina com Jakalea pedindo desculpas ao povo e assim, concluir os ritos de iniciação.

Contexto geográfico, cultural e religioso de Mueda

Em *Mueda: nos labirintos dos ritos de iniciação*, Roque dá-nos a conhecer o mundo cultural e religioso dos povos desta zona de Moçambique, cujos ritos configuram uma herança comum de um passado remoto que resiste ao impacto com a Modernidade e com a Cristandade. Para citar, Severino E. Ngoenha, seu prefaciador, o romance Mueda “percorre os meandros dos ritos de iniciação... cujo

valor é moçambizar os ritos locais/particulares... e a língua portuguesa, introduzindo nela ritos, sabores e falares das nossas diferentes maneiras de dar razão à existência” (NGOENHA apud ROQUE, 2022, p. 10). Neste duplo objectivo de “moçambizar a língua e os ritos”, Roque tenta trazer à luz do dia os mistérios da liturgia iniciática onde a história é ficcionada, o tempo é eternizado e o espaço é enriquecido pela inesgotável descrição da beleza paisagística, que adorna as aldeias da capital cultural de Mueda e arredores.

Cenário do romance, Mueda é uma vila moçambicana, sede do distrito com o mesmo nome, na província de Cabo Delgado, a nordeste de Moçambique. Fundada em torno de um quartel do exército colonial português, o que de resto justifica os massacres antirrevolucionários de 16 de Junho de 1960 contra um grupo de civis pró-independentistas, apenas será elevada à categoria de vila a 2 de setembro de 1967.

Mueda é também a capital da língua e cultura Makonde com um tecido social heterogéneo. A confluência de diversos povos, línguas e culturas, se por um lado, faz a beleza do mosaico cultural de Mueda, por outro, ocasiona desconfianças e compromete relações. Assim, muitas pessoas de arredores de Mueda nutrem certa inveja por Mueda, pois, pensam que Mueda é beneficiada mais do que

as aldeias ao redor. São os tradicionais rótulos entre norte e sul, interior e litoral que se fazem sentir um pouco por toda a parte. Isto está presente no episódio de Nangade, no capítulo III. Saidi que tem o filho Liganga em Ibo, pensa em mandar uma mensagem para que este tome conhecimento dos eventos de Mueda e se prepare para lá ir. Ntumbate, o vizinho, disponibiliza-se a ir avisar o filho do vizinho, mas pelo caminho desvia para Quiterajo, satisfeito (ROQUE, 2022, pp. 69-72.).

Do ponto de vista religioso, Mueda vive igualmente um ambiente heterogéneo. Cristianismo e Islamismo convivem. Isto é evidente quer no episódio do curandeiro Kutissa que usa para a sua prática divinatória, a Bíblia na mão direita e o Corão na esquerda, e a cruz vermelha evangélica (ROQUE, 2022, p. 66). Mas este ambiente religioso quase sincrético é fonte das contendas que se vivem entre Muedenses e os Mocimbuenses, pois o Islamismo cuja instalação foi facilitada pelos habitantes de Mocímboa da Praia seria a fonte dos conflitos terroristas, que se vivem ainda hoje naquela parcela do país, o que agrava ainda mais as relações entre Mueda e os seus arredores. Em termos de educação o lugar contava com a colaboração das missões católicas, sem olvidar o facto de o primeiro sistema de abastecimento de água ter sido aí

a aparente loucura de Jakalea explica a importância que se atribui ao ato ritual. Além disso, o mestre de Nairoto é o único que podia levar a bom termo o ritual por ele iniciado. Conceição Osório e Ernesto Macuácuva revelam-nos a razão para tal. Segundo eles, “os ritos masculinos são considerados legítimos quando dirigidos por um *makonde*” (OSÓRIO; MACUÁCUVA, 2013 p. 188).

Os rituais de iniciação se prestam a duas finalidades. A primeira é “formar identidades [...]. Neste sentido, os ritos são apresentados como verdades que não podemos questionar sob pena de estarmos a violar a nossa cultura” (OSÓRIO, 2015, p. 1). A segunda função é a hierárquica que pode gerar inclusão como também exclusão, pois, os ritos remetem para uma

estrutura de poder que exprime hierarquias onde se organizam sistemas de inclusão e também de exclusão. Por exemplo: as acusações mútuas entre grupos etnolinguísticos mostram claramente elementos de exclusão a que se contrapõem os elementos de inclusão das pessoas que pertencem ao mesmo grupo. (OSÓRIO, 2015, p. 2)

O romance *Mueda* de Roque evidencia todos estes aspectos. Se por um lado, há uma afluência enorme de jovens que procuram fazer a passagem para a vida adulta, por outro lado, há igualmente quem se esforce por não transmitir, nem

a fama de Mueda, nem os acontecimentos que aí terão lugar. Pelo contrário, tentam impedir que jovens adiram aos ritos, como é o caso de Ntumbale e, de certo modo, também do *lambé* que tenta, em vão, impedir Makaleta.

Quer *likuta* quer *nkamango*, se inscrevem nesta dinâmica hierárquica de inclusão e exclusão simultaneamente. À *likuta* e ao *nkamango* preside o *lambé* oficiante da liturgia iniciática. Dele se exige que tenha “aprendido e desvendado as esquinas da sexualidade, os sinais e toques presentes na noite de núpcias, as preces a serem sussurradas nos ouvidos da noiva na primeira noite de amor” (ROQUE, 2022, p. 47). Não admira que Jakalea tenha sido, entre tantos membros do conselho, o único sacerdote dos rituais de iniciação. Tal como o sacerdote introduz as pessoas nas realidades sagradas, também pelos ritos de iniciação, os candidatos são introduzidos numa sociedade secreta que inclui e exclui, pois, pelos ritos “os jovens aprendem a reconhecer-se como adultos e a demarcarem-se não apenas dos outros não iniciados, mas também dos outros não pertencentes ao seu *status* e grupo identitário” (OSÓRIO; MACUÁCUA, 2013, p. 188). Quer a *likuta* quer a *nkamango* têm um valor sublime no âmbito da cultura e da religião tradicional dos povos de Mueda: “Localizadas no meio da floresta serviriam

para receber e albergar os rapazes e meninas sujeitos ao cerimonial de iniciação. Este local seria tido como ponto de encontro dos bons espíritos que pairavam na região” (ROQUE, 2022, p. 15).

O romance de Roque evidencia aquilo que João Paulo Borges Coelho chama de “individualidades do Índico” (COELHO, 2020, p. 13-28), para caracterizar o conceito de *genius loci*. Assim é, sobretudo do *genius loci* que Roque fala ao referir a escolha do lugar para a *likuta* e a *nkamango* que é criteriosa, como também a escolha de Mueda que é o interior do distrito, em detrimento da zona litoral, como por exemplo, Mocímboa da Praia. Desde *likuta* e *nkamango* acontece um encontro vivo dos jovens com a ancestralidade, com a história, com as tradições e consigo próprios. Aí se forja a identidade e maturidade. Não se trata apenas de uma mudança física caracterizada pelo corte do prepúcio e alongamento dos lábios menores (OSÓRIO; MACUÁCUA, 2013, p. 186), mas uma profunda rutura simbólica com as experiências anteriores, que começa com a separação da família para edificar uma outra família, num esforço de conjugação de factores como a cooperação entre os iniciados, o reconhecimento da autoridade colectiva e a determinação de responsabilidades (OSÓRIO; MACUÁCUA,

p. 71-74), factores que fazem uma nova personalidade, uma nova maturidade. Por isso, Jakalea é apenas um intermediário entre a divindade, entre estes espíritos bons que habitam aquele lugar e os jovens Muedenses. São estes espíritos que

garantiriam o sucesso dos rituais que acenariam ao *nalombwa* na escuridão da noite, dando-lhe artimanhas, porque, via de regra, este indivíduo era uma espécie de curandeiro ou bruxo, especialmente virado para os rituais de iniciação que marcavam o fim da puberdade dos rapazes. (ROQUE, 2022, pp. 15-16)

A ideia do *genius loci* própria da literatura greco-romana, permite uma leitura intertextual do *Mueda* com a literatura grega do ciclo épico. Fixemo-nos agora nesta empresa comparando apenas dois aspectos do *Mueda* de Roque: o *lipudi* e o oráculo.

O Lipudi e a pomo da discórdia

Um dos momentos fundamentais, senão o mais importante, se considerarmos que os ritos visam preparar os rapazes para a vida amorosa, consiste em atestar a sua virilidade através de um fruto silvestre chamado *lipudi*.

O homem que viria de Nairoto, não estava com eles e não tardaria a chegar. Era o mestre Jakalea que, em pessoa, dirigia o ensaio com fruto silvestre, conhecido por *lipudi*. Este seria buracado ao meio, ao diâmetro do pénis, e

nele a rapaziada ensaiaria a primeira relação sexual com a noiva, na esteira ou na tarimba, numa noite coberta e própria para bodas. (ROQUE, 2022, p. 38)

A escolha do fruto não é aleatória. Enquanto verde, a *lipudi* possui uma casca dura. Escavada ao meio à dimensão proporcional ao diâmetro do pénis, ela permite atestar a virilidade do rapaz, podendo determinar a aprovação ou reprovação do candidato. A ideia do fruto liga-se também à ideia de fertilidade. Assim como o fruto revela a fertilidade da árvore, também pelo *lipudi* se pode atestar a fertilidade do rapaz, com a qual se habilita a construir família. Mas a ideia da fruta ligado ao amor à fertilidade é clássica, e já está presente entre os gregos, persas e outros povos do Mediterrâneo Antigo, como diz McCartney.

Among Greeks apples that had been bitten were sent as tokens of love. A suggestion of the original purpose of the biting may be derived from analogies. Annamite stories tell how a virgin conceived... by eating the rind of watermelon, the rest of which had been eaten by a prince. The Persian bridegroom eat a *melon* or the marrow of a camel before entering the marriage-chamber. In Mohammedan lore the man eats the fruit being inordinately desirous of male children. (MCCARTNEY, 1925, p. 70–81)

Mencionaremos dois passos da literatura grega em que a fruta, e no caso, a maçã vem associada ao amor, ao

casamento, à fertilidade, às divindades, mas também a desastres. O primeiro é a cena de Páris e Helena, que faz parte do ciclo épico; o segundo é a cena de Hipómenes e Atalanta, reportado nas *Heroides* de Ovídio.

A cena que a seguir descrevemos, acontece no casamento de duas divindades: Peleu e Tétis, onde Zeus encarrega um humano, o jovem Páris, ou Alexandre – a depender da versão e do tradutor – da nobre missão de escolher a mais bela entre as deusas e com isto, receber o dom que a eleita lhe proporcionar. Numa espécie de campanha eleitoral, as três divindades disputam a maçã doirada e cada uma promete dar um presente a Páris, se ele lhe der a maçã que a eleja como a deusa mais bela do Olimpo. Vejamos a decisão de Páris.

Jove [Zeus] is said to have invited to the wedding of Peleus and Thetis all the gods excepted Eris, or Discordia. When she came late and was not admitted to the banquet, she threw an apple through the door, saying that the fairest should take it. Juno [Hera], Venus [Aphrodite], and Minerva [Athene] claimed the beauty prize for themselves. A huge argument broke out among them. Jupiter [Zeus] ordered Mercurius [Hermes] to take them to Paris Alexander and to order him to judge. Juno [Hera] promised him, if he ruled in her favor, that he would rule all the lands and dominate the rest in wealth; Minerva [Athene], if she left the winner, that he would be the strongest among mortals and know every skill; Venus [Aphrodite],

however, promised that he would marry Helen, daughter of Tyndareus, the most beautiful woman in the world. Paris preferred this last gift to the previous ones and ruled Venus was the prettiest. Because of this, Juno [Hera] and Minerva [Athene] were angry with the Trojans. Alexander, at the prompting of Venus [Aphrodite], took Helen from his host Menelaus from Lacedaemon to Troy, and married her. (ANDRE, 2016, pp. 137-147)

Esta é a fábula tradicional acerca das principais razões em torno da guerra de Troia. Embora se viesse a revelar arrependido, numa carta que envia à sua antiga companheira Enone, a quem deixara por causa de Helena, a escolha era irreversível. Mas fixemo-nos no essencial: a maçã da discórdia. A maçã está ligada ao amor, à escolha da mulher, à beleza, à cura pela força do amor. Assim como pela maçã Páris escolhe a mais bela das deusas e, por ela recebe o presente, Helena, também os rapazes de Mueda empenham todo o seu ser no cumprimento do ritual que os preparará para a busca do amor das suas vidas.

A segunda cena é o mito de Atalanta que aqui resumimos. O mito de Atalanta permite ver mais uma vez a presença da maçã como remédio para o amor.

Atalanta, não quer casar-se e por isso decide consultar o oráculo que se revela contrário à sua vontade. Atalanta que era velocíssima, como estratégia para se

livrar dos pretendentes, propôs aos que corresse com ela que quem perdesse seria morto e, aquele que a ganhasse, a levaria por esposa, como prémio. Todos os jovens que corresse com ela perdiam e assim, eram sacrificados. Até que chegou Hipómenes, jovem descendente de Turno. Enamorado pela beleza de Atalanta lança-se ao desafio, mas não sem antes pedir a Vénus que lhe ensinasse como conquistar Atalanta. A deusa oferece três maçãs doiradas ao jovem. Sempre que este fosse ultrapassado, lançava uma maçã que atraía Atalanta a parar e recolhê-la, permitindo que Hipómenes estivesse à sua frente. Na última e derradeira parte do desafio, Hipómenes lança a terceira e mais pesada. De novo Atalanta pára e vai buscá-la, enquanto este corre mais adiante, chegando primeiro à meta e, deste modo, leva para casa o seu prémio. (ALBERTO, 2007, p. 221-266)

Talvez fosse interessante alargar esta leitura comparativa para ver a conotação da maçã dentro da literatura bíblica, ou até no Antigo Oriente Próximo na qual aquela tem raízes, mas não é esse o nosso objetivo neste trabalho.

Num artigo de B. O. Foster, “Notes on the Symbolism of the Apple in Classical Antiquity”, citado por McCartney, Foster conclui que,

In remotely ancient attribution of the apple and the apple-kind, as typical of all fruitiness, to Aphrodite and its connection also with

other divinities of like functions, originated the meaning which it was felt to have when employed in courtship and the marriage ceremony. The evidence on the subject left us by classical authors does not enable us to the next step and offer an explanation of the fact that the apple was used in preference to other objects, as representing the life-giving functions of these deities. (FOSTER apud MCCARTNEY, 1925, p. 72-73)

Como a maçã, também a *lipudi* nesta parte do Índico e, nos rituais de iniciação que visam justamente à preparação da rapaziada para a vida adulta, vem ligada ao amor, ao poder masculino, à virilidade, à capacidade de gerar vida. Esta é a razão pela qual, aquele que não fosse capaz de mostrar pela *lipudi* a sua virilidade não era aprovado nos rituais de iniciação.

Portanto, o *lipudi* é para a literatura do Índico, o que a maçã é para a literatura clássica. Uma fruta pela qual os jovens atestam a sua virilidade, escolhem suas amadas. Como Páris e Hipómenes, os jovens muedenses lançam-se pela *lipudi* à aventura do amor, que é a maior honra para si e para as suas famílias. Com este tópico, a maçã e o *lipudi* aproximam-se literaturas, as do Índico e as do Mediterrâneo.

A consulta aos oráculos: um confronto entre a cultura, o cristianismo e a modernidade

Em nossa opinião, uma das principais críticas que o autor levanta em *Mueda* é o convívio, numa sociedade bastante

heterogénea, entre as práticas religiosas que se espalharam pelo país inteiro, mas particularmente, por Mueda e arredores; as estruturas culturais e, de alguma maneira, a modernidade que tende a relativizar os valores ancestrais.

Durante o enredo, muitas são as consultas aos “curandeiros” quais garantem de sorte na busca pela rapariga mais bela, mas também na busca de soluções aos problemas que afetam a comunidade. Apresentamos apenas duas destas consultas aos oráculos e, sobretudo a sua estrutura litúrgica. O Jovem Kutissa de Nairoto vai à consulta com o curandeiro para obter a mulher mais bela. A estrutura da consulta pode ser assim deduzida: Previsão dos acontecimentos: O curandeiro revela que já sabia que aí iria o Kutissa. “Chega-te mais para aqui rapaz... os meus ancestrais sempre me avisam quando alguém se aproxima do meu quintal” (ROQUE, 2022, p. 65-66); Diálogo prévio; Mergulho no poço e invocação dos ancestrais. Com uma Bíblia na mão direita e o Corão na esquerda, como instrumentos do rito (ROQUE, 2022, p. 68); Saída do poço (ROQUE, 2022, p. 69).

Outros três jovens, Pedro, Fernando e Bassane, consultam igualmente um pastor que acreditam dar-lhes a sorte de encontrar a menina mais bela. Segue-se o esquema do

ritual presidido pelo profeta: Diálogo prévio: “o que querem de mim... – queremos a sua bênção apóstolo... – para quê querem a bênção do senhor?” (ROQUE, 2022, p. 74); Exigência do pagamento do dízimo. “Os vossos dízimos estão em dia?... primeiro devem pagar à igreja o que vocês devem a ela” (ROQUE, 2022, p. 75); Orações e preces.

Nestes dois esquemas é possível vislumbrar a crítica do autor. O profeta não sabe das coisas com antecedência, revelando-se néscio. A sua principal preocupação é que os rapazes paguem o dízimo, inclusive do tempo em que não andaram na igreja. Tratar-se-á de uma crítica aos charlatães espalhados por Mueda e seus arredores? Não o podemos afirmar com segurança. Mas uma coisa é clara, o autor contrapõe os poderes dos ancestrais exercidos pelos verdadeiros curandeiros, que não exigem faturas pré-pagas e, por isso mesmo se revelam autênticos em relação aos que fazem da atividade religiosa o meio para enriquecer. Aliás, é também sob capa religiosa do islamismo que grupos rebeldes penetram aquela zona em se dá o cenário do romance. O autor que conhece bem este contexto não poupa críticas neste romance.

Por outro lado, a ideia da valorização da ancestralidade Muedense sobre qualquer forma de religiosidade é, digamos

assim, a “espuma” do romance de Roque. Apenas a força da ancestralidade presente em Kwangaika, o “sábio” da comunidade é capaz de resistir à manipulação de Jakalea, à fraqueza do conselho que pensa convencer Kwangaika a desistir do castigo que impõe a Jakalea. Não é a arte nem o engenho de Zufa que cura, mas a sabedoria ancestral que reside em Kwangaika. Assim, cada muedense deve encarnar os valores da ancestralidade: a obediência, a perspicácia, a força, a confiança, a diligência. Kwangaika representa a força viva da sociedade muedense que resiste à modernidade e à sedução da religião charlatã e funesta.

Em suma, o escritor Roque com a sua obra louva a ancestralidade, recuperando os seus mitos e rituais, que permitem a aprendizagem do amor e a exaltação da beleza. Revela-se a profundidade dos valores da sociedade de Mueda, postos em crise pelo convívio com outras realidades alienantes. O autor convida, pela literatura, a um regresso ao conhecimento dos valores e imaginários fundamentais dos ancestrais, à originalidade dos seus costumes, sem xenofobias. Transmite-nos a ideia de que a ancestralidade garante a sobrevivência dos ritos, e por meio destes, sobrevive a memória e outros tipos de conhecimento, igualmente necessários para o desenvolvimento equilibrado das sociedades na sua relação com a modernidade.

Conclusão

O romance *Mueda: Nos labirintos dos ritos de iniciação*, de Carlos Paradona Rufino Roque, escritor moçambicano permite-nos uma visualização holística desta densa floresta que são os ritos de iniciação, fazendo-nos perceber a sua beleza e riqueza, mas também a sua complexidade. Permite igualmente vislumbrar aspectos sinópticos entre a literatura do Índico e a do Mediterrâneo Antigo.

Com o título, Cultura, Cristianismo e Modernidade em *Mueda: Nos labirintos dos ritos de iniciação*, tentamos – oxalá tenhamos conseguido – demonstrar, por um lado, as várias leituras que o romance suscita, identificando aspectos que relacionam a literatura clássica e a africana, bem como o convívio nem sempre pacífico entre a cultura/ancestralidade com o cristianismo, o islamismo e a modernidade.

O nosso trabalho articulou-se em torno de uma estrutura simples e compacta. De modo a adentrar o leitor no espírito do romance – sem dispensá-lo da leitura do texto que, aliás recomendamos – começamos por um levantamento dos conceitos-chave que o autor usa em língua Makonde, predominante na zona do cenário do romance; uma breve síntese do romance, bem como o contexto geográfico, cultural e religioso de *Mueda*, que constituem o *background*

do romance e que nos permite intuir nas entrelinhas de *Mueda* a realidade por detrás da ficção.

Procuramos fixar a nossa atenção no lugar onde os ritos acontecem: *likuta e nkamango*, duas casas cuja função é acolher os candidatos à iniciação. Trata-se de um verdadeiro espaço do sagrado. Concentrados neste lugar, os neófitos fazem a experiência da morte, representada pelo isolamento, pela separação dos seus familiares, pela desinstalação da comodidade das suas aldeias, para deste lugar e, sob orientação do *lambé* ou *nalombwa*, ressuscitarem para a vida. Aí se renasce no espírito comunitário. Aprende-se a arte e o engenho da vida, os segredos e os mistérios da paternidade e da maternidade. Aí se forja a maturidade humana. Mas é também aí que sobrevivem aos neófitos o incidente que por pouco adiava os seus sonhos, com a loucura do *nalombwa*, o único que os iniciara na vida adulta, não fosse a sabedoria ancestral de que Kwangaika é digno representante. A loucura do *nalombwa* conflagra o conselho de Mueda. Entra em jogo uma tensa luta entre curandeiros e sábios, profetas e pastores, entre cristianismo e islamismo, mas é a sabedoria dos ancestrais que triunfa. A este ponto, podemos afirmar que Paradona põe a ancestralidade em confronto com as estruturas de poder que tendem a sufocá-

la. Neste sentido, de *likuta* e *nkamango* emerge um homem novo, isto é, a *likuta* e a *nkamango* são o viveiro de onde brota o homem novo e maturo à altura dos desafios da sociedade Muedense, à altura dos desafios do convívio com a cristandade, o islamismo e a modernidade.

O debate sobre a ancestralidade representada pelos ritos de iniciação é ponto assente nos círculos de intelectuais moçambicanos. Há quem defenda o fim dos ritos por eles ocuparem tempo às crianças em idade escolar e incentivarem o casamento infantil. Mas também há quem defenda o ritual de iniciação como o essencial que resta dos valores ancestrais. Com o romance *Mueda*, Rufino inscreve-se, em nossa opinião, como apologista da continuidade dos ritos, ou pelo menos como escriba de uma memória e conhecimento que deseja preservar e deixar como legado aos moçambicanos e aos leitores em geral.

Uma última conclusão que gostaria de salientar é sobre o paralelismo entre a literatura clássica e a africana, que o romance *Mueda* nos permite contrapor. Além da consulta aos oráculos, muito presente na literatura épica greco-romana, encontramos em *Mueda* a referência a uma fruta, *lipudi*, que permite estabelecer uma relação com a *melon* grega. Quer uma quer outra representação, estão simbolicamente

ligados ao amor, à virilidade, ao casamento, à divindade. Não se trata de uma coincidência, mas de um património literário e mítico ancestral, comum ao Índico e ao Mediterrâneo, que Rufino trata de evidenciar em *Mueda: Nos labirintos dos ritos de iniciação*.

Referências

LEITE, Ana Mafalta; BRUGIONI, Elena; FACONI, Jessica (Orgs.). *Estudos Sobre o Oceano Índico, Antologia de Textos Teóricos: o Índico como lugar*. Lisboa: Edições Colibri, 2020.

MCCARTNEY, Eugene Stock. “How the Apple Became the Token of Love”. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, p. 70–81, 1925.

OSÓRIO, Conceição; MACUÁCUA, Ernesto. *Ritos de iniciação no contexto actual. Ajustamentos, rupturas e confrontos. Construindo identidades de género*, Maputo: 2013.

OSÓRIO, Conceição. *Os ritos de iniciação. Identidades femininas e masculinas e estruturas de poder*. Disponível em: www.wlsa.org.mz/ritos-de-iniciacao-no-contexto-actual. Acesso em: 17 dez. 2022.

OVÍDIO, *Heróides (Cartas de amor) XVI*. Tradução, introdução e notas de Carlos Ascenso ANDRÉ. Lisboa: Livros Cotovia, p. 65-379, 2016.

OVÍDIO, *Metamorfoses X*. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. Lisboa: Livros Cotovia, 3.ed., p. 560-735, 2014.

ROQUE, Carlos Paradona Rufino. *Mueda: Nos Labirintos Dos Ritos de Iniciação*. 1.ed., Maputo: Alcance Editores, 2022.

Pessoa Vitangui Chissingui Nachivango

Mestrando em Literaturas, Artes e Culturas Modernas e em Estudos Clássicos, pela Universidade de Lisboa (ULISBOA).

Mestre em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa (UCP-Lisboa), 2022.

Lattes: <https://www.cientiavita.pt/portal/F316-FB34-9C9A>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-2855-9855>.

E-mail: pchissingui@edu.ulisboa.pt.

Ana Mafalda Leite

Professora Associada com Agregação da FLUL.

Doutoramento em Literatura Portuguesa/Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Investigador Agregado do CEaA, Centro de Estudos sobre África e o Desenvolvimento, CSG/ISEG, Universidade de Lisboa.

Lattes: <https://www.cientiavita.pt/portal/A715-6AC0-2DAB>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5730-6033>.

E-mail: anamafaldaleite@gmail.com.